



TRADUÇÃO

FERNEL, Jean. **Os sete livros da fisiologia.**
Livro V - Das faculdades da alma, Capítulo VII
- Sobre as faculdades externas da sensação,
Capítulo VIII - Sobre as faculdades internas
da alma sensitiva

Apresentação, tradução e notas

Marisa C. de O. F. Donatelli

Doutora em Filosofia pela Universidade de São Paulo, Professora adjunta do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Santa Cruz. E-mail:
madonat@uesc.br

A IMPORTÂNCIA DE FERNEL NA MEDICINA DESENVOLVIDA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XVII

Nós abaixo-assinados, doutores da Faculdade de Medicina de Paris, certificamos haver lido a obra de sob o título, e atestamos, além disso, que nela não se encontra nada que não esteja conforme a verdadeira e pura doutrina de Hipócrates. Dessa forma, nós o julgamos digno de ser liberado para impressão e publicação (RAYNARD, 1863, p. 349).

Esses termos da autorização dada pelos doutores da Faculdade de Medicina de Paris para a publicação de livros de fisiologia e de anatomia servem como referência para a compreensão do pensamento médico que dominara uma boa parte do século XVII.

A menção a Hipócrates está ligada a um Hipócrates modificado por comentários e interpretações estabelecidas dentro dos limites determinados pelo método escolástico. Trata-se de um Hipócrates adaptado à filosofia e à física de Aristóteles, por meio dos estudos de Galeno, Averrois e Avicena, dentre outros.

Nas faculdades de medicina, as disciplinas ensinadas formam um conjunto que segue um modelo que vem dos séculos anteriores: botânica, química, física, farmácia, anatomia, fisiologia, patologia e filosofia. Na verdade, a medicina se mantém como uma ramificação da filosofia, segundo o modelo aristotélico do final do século XVI: a medicina é entendida como filosofia natural aplicada ao corpo. Assim, um bom médico deve ser também um bom filósofo. Daí a necessidade de o médico formar argumentos firmes no mais puro modelo escolástico: o aristotelismo domina o pensamento científico, aí incluída a medicina.

No século XVII, o método de ensino nas faculdades de medicina limita-se à escolha de uma obra antiga traduzida para o latim. Essa obra é lida pelo professor do alto de sua cátedra, acompanhada de um comentário, sempre em latim. A anatomia é ensinada da

mesma maneira; mas, além do professor, há um demonstrador que tem por função mostrar, nas pranchas, as partes descritas nos livros. As sessões de dissecação comportam a leitura de um texto latino, geralmente tradução de Galeno. O professor faz a leitura, e um demonstrador mostra os órgãos sobre os quais a leitura discorre. Essas sessões se dão em anfiteatros, e aos alunos só resta observar e anotar, da melhor forma possível. Além disso, como não se dispunham dos meios necessários para a conservação dos corpos, as sessões precisavam ser rápidas.

Uma parte do curso é voltada para a “Física” ou “Filosofia Natural”¹. O fio condutor do conteúdo ministrado é Aristóteles: “primeiros princípios, matéria e forma, quatro elementos, geração e corrupção em geral” (ROGER, 1971, p. 15). A partir dessas considerações gerais, são abordados tópicos específicos referentes à matéria, aos seres vivos, ao corpo humano e à alma (Ibid.). No que se refere à explicação das funções dos órgãos, a interpretação dominante, ao lado da aristotélica, é a que segue Galeno: a presença do órgão é justificada pela função que desempenha no corpo, ou seja, o órgão existe com a finalidade de cumprir determinada função. Essa inspiração teleológica domina a fisiologia do século XVII e atinge uma boa parte do século seguinte.

A anatomia e a fisiologia compõem os livros de medicina da *res naturales*². Tais livros compreendiam, quase sempre, três grandes partes: 1) faculdades naturais da alma (procriação, alimentação e crescimento); 2) faculdades vitais da alma (calor, capacidade cardíaca, respiração); 3) faculdades animais da alma (movimento, sensações, discernimento). Essa estrutura dos livros de medicina – de inspiração aristotélica – é encontrada na obra de Jean François Fernel (1497-1558), que constitui um ponto de referência no ensinamento médico do século XVII. Convém observar que nos cursos da faculdade de medicina raramente um moderno é escolhido como tema. Dentre as exceções, aparece Fernel. Na primeira metade do século XVII, Jean Riolan, filho,³ lança uma crítica à divi-

são dos assuntos adotada em alguns livros de medicina: fisiologia, patologia e terapêutica. Segundo Riolan, a fisiologia tem como pré-requisito a anatomia e, para sustentar essa informação, ele invoca Fernel. Afinal:

Fernel começa sua medicina pela Anatomia, sob a qual ele organiza as outras partes da Fisiologia: pois os ossos, a cartilagem, o nervo e outras partes semelhantes são os verdadeiros e primeiros elementos do homem [...] (RIOLAN, 1629, 87-88).

O livro **Universa Medicina: Physiologiae Liber I-VII**⁴ apresenta uma descrição do corpo humano, passa pela teoria dos elementos, desenvolve uma parte sobre as faculdades e partes da alma e, por fim, explica o processo de geração humana. Esse livro de Fernel constitui, no século XVII, a base do ensinamento sobre o corpo humano.

Em Fernel, encontra-se uma amostra de como se dá a disputa entre os 'aristotélicos' e os 'galênicos', pois ora adota uma interpretação aristotélica, ora uma galênica. Essa oscilação, entre essas duas grandes correntes, é uma constante durante a primeira metade do século XVII.

Segundo Fernel, o corpo é formado por partes simples e compostas, ou seja, no corpo humano há partes que se dividem em partes semelhantes entre si e outras que se dividem em partes dessemelhantes⁵. As partes têm como base de formação os quatro elementos: fogo, água, ar e terra. A combinação desses elementos engendra as qualidades primárias (quente, frio, seco e úmido) cuja mistura produz as qualidades secundárias (fino, grosso, gordo, magro, liso, áspero...). Cada parte do corpo humano possui um temperamento que é o resultado da relação harmônica das qualidades primárias dos elementos misturados: a predominância de uma qualidade sobre as outras define os temperamentos.

O ser vivo é dotado de um calor inato cuja sede se encontra no

coração e se espalha pelo corpo por meio do espírito, que é “um corpo celeste, a sede e o liame do calor natural e das faculdades, além de ser o primeiro instrumento de todas as funções” (FERNEL, 2001, p. 190). Essa concepção do coração como sede do calor inato é encontrada em Aristóteles⁶. Segundo a interpretação aristotélica, o princípio desse calor está no coração e é responsável pela vida. Na obra de Fernel, Aristóteles é, justamente, mencionado no concernente a essa questão:

[...] Aristóteles disse muito bem e deixou por escrito, para a posteridade, como uma coisa comum e vulgar, que a vida consistia apenas no calor e que sem o calor, nem os animais nem as plantas vivem. Ele definiu a morte pela extinção do calor natural [...] (FERNEL, 2001, p.285).

Esse calor não é proveniente da mistura dos elementos que compõem as partes do corpo, mas provém de um “princípio oculto”.

Os três principais órgãos, segundo Fernel, produzem, por meio de três digestões, os espíritos que são os instrumentos das principais faculdades da alma. Na aceitação do processo de formação dos espíritos, Fernel se mantém fiel a Galeno, que defende a existência de três sistemas anatômicos cujas funções específicas estão vinculadas a esses três órgãos: i) sistema venoso - fígado, faculdade natural; ii) sistema arterial - coração, faculdade vital; iii) sistema nervoso - cérebro, faculdade animal. Seguindo essa interpretação, Fernel indica os órgãos responsáveis pela produção dos espíritos: a) o fígado produz o espírito natural - vapor - ligado à procriação, nutrição e crescimento; b) no coração, os espíritos naturais sofrem uma transformação, tornando-se mais sutis e passam à categoria de espíritos vitais - ar - que responderão pelas faculdades vitais ligadas ao funcionamento do coração, ao calor e à respiração; c) no cérebro, por fim, os espíritos vitais passam por mais um processo de sutilização e chegam à categoria de espíritos animais - éter - vinculados ao movimento, às sensações e ao pensamento. O espíri-

to vital transforma-se em espírito animal quando o sangue, depois de ter ido para as regiões periféricas, chega ao cérebro pelas carótidas. Esses espíritos animais seguem os nervos, comandam toda a atividade psíquica e estão ligados às funções de movimento e sensação.

Cada faculdade tem seu instrumento: as veias auxiliam a faculdade natural de nutrição; as artérias, a faculdade vital, e os nervos, a faculdade animal. Todas essas faculdades são faculdades da alma e, assim, em última instância, tanto o trabalho do corpo como suas funções remetem à alma.

Seguindo a orientação galênica, Fernel afirma que o fígado produz o sangue por meio da destilação do quilo. O alimento, transformado em quilo pela digestão, é absorvido pelo intestino, por meio das veias mesentéricas, e levado ao fígado, que funciona como depurador: as partes leves são encaminhadas para a vesícula biliar; as partes espessas para o baço e as partes líquidas para os rins. A que resta toma a cor vermelha e constitui o sangue. Uma parte do sangue fica no fígado, enquanto outra parte é enviada pelas veias para as regiões periféricas do corpo com a finalidade de alimentar todas as partes do corpo. Na preparação do sangue pelo fígado, são engendrados os outros humores, além do próprio sangue: no fígado, a bÍlis; no baço, a bÍlis negra (atrabilis); e no cérebro, a pituita. Esses quatro humores constituem o sangue das veias.

O movimento do sangue é explicado pela atuação que os órgãos exercem sobre ele e pela impulsão das veias. Ele se perde nos tecidos ao alimentá-los e se renova pela absorção dos alimentos. Todos os vasos ligados ao ventrículo direito, e que conduzem sangue, são veias; os que estão ligados ao ventrículo esquerdo são as artérias que contêm sangue espirituoso e ar – mais ar do que sangue – e estão vinculadas à função respiratória. A artéria pulmonar (denominada, então, veia arteriosa) nutre os pulmões na troca do ar que ele envia ao coração. A comunicação entre os dois ventrículos do coração é estabelecida pela existência de pequenos orifícios que

possibilitam a mistura entre sangue e ar no ventrículo esquerdo. Esse sangue rarefeito se combina com os espíritos vitais do ventrículo esquerdo e é distribuído pelo corpo por meio das artérias, no momento da sístole.

No momento da diástole, quando há dilatação do coração, o ventrículo direito recebe o sangue das veias, enquanto o ventrículo esquerdo recebe ar dos pulmões. O coração necessita tanto da nutrição do sangue como do ar e da refrigeração, por causa da intensidade do fogo cardíaco. Na sístole, momento de contração do coração, a cavidade direita lança sangue nos pulmões e a cavidade esquerda lança sangue depurado e espíritos vitais para alimentar e aquecer as regiões periféricas do corpo, por meio das artérias. Não há, portanto, a idéia de circulação, mas de irrigação: as extremidades do corpo absorvem o sangue, de acordo com o duplo movimento cardíaco.

Essas concepções, aqui apenas esboçadas, ligadas ao funcionamento do corpo, e que compõem a obra de Fernel, dominam o universo médico durante o século XVII⁷. Basta lembrar que suas obras foram, constantemente, reeditadas no período compreendido entre 1554 e 1680 (ROGER, 1960, p. 6).

A **Universa Medicina**, da qual a *Physiologia* compõe a primeira parte, foi publicada em 1542 e teve várias reedições, sendo que as últimas edições são de 1644, em Leiden, e 1656, em Utrecht. Durante o período de 1554 a 1568, todas as obras médicas de Fernel percorrem a Europa por meio de numerosas reedições e traduções.

Em Fernel, subsiste a antiga tradição aristotélico-galênica, tradição que está presente nos livros sobre elementos, temperamentos, sobre as faculdades da alma e movimento do coração. Além desses aspectos, a concepção de corpo toma por base uma interpretação teleológica, segundo o modelo aristotélico: tudo existe no corpo com uma finalidade específica. Mas essa permanência da tradição em sua obra, particularmente em sua *Physiologia*, deve ser afirmada com cautela, pois Fernel não aceita passivamente tudo o

que os antigos escreveram. Ao contrário, ele toma os textos de Aristóteles e de Galeno, por exemplo, como ponto de partida para a sua explicação e, muitas vezes, discorda da tradição⁸. Um exemplo dessa relação conflitante com a tradição pode ser encontrado no trecho da *Physiologia*, cuja tradução é apresentada aqui. Ao defender que as sensações e o movimento são remetidos ao cérebro, Fernel discorda de Aristóteles, para quem o coração seria responsável pelas sensações, pelo movimento e pela nutrição, ou seja, pelas funções vitais (ARISTÓTELES, 1951 [469a-469b]). Grosso modo, pode-se dizer que, na obra de Fernel, Aristóteles está presente na estrutura lógica da apresentação, e Galeno se manifesta na admissão das faculdades, de que cada órgão é portador, para a explicação das funções vitais

Ao longo de todo o livro *Physiologia*, nota-se a convivência pacífica entre explicações fundadas em observação e explicações que tomam por base somente a razão. Dessa forma, encontra-se, por exemplo, toda uma análise das partes do corpo que chega à consideração das partes simples, por meio da observação. Logo a seguir, no livro sobre os elementos, Fernel não hesita em deixar de lado a observação, para formular um discurso fundado somente na razão. Assim, em Fernel, pode-se afirmar que um determinado tipo de análise compõe um primeiro momento de seu método: análise que requer o concurso dos sentidos, da observação, para decompor um conjunto em suas partes mais simples. O segundo momento é caracterizado pela análise da razão (FERNEL, 2001, Préface).

A permanência da obra de Fernel fornece um exemplo de como a medicina, que chegará à primeira metade do século XVII, se mantém, em sua maior parte, presa à tradição grega: ela é a fonte das informações sobre anatomia e fisiologia. No século XVII, essa tradição é sustentada pelo constante aparecimento, que remonta ao Renascimento, de traduções e comentários à Antiguidade. Apesar dessa persistência, dessa forte vinculação à ciência grega, algumas exceções podem ser mencionadas: Vesálio (*De humani corporis fabri-*

ca libri septem, 1543), que propõe uma renovação na anatomia, corrigindo Galeno nessa área, e Ambroise Paré (*Dix livres de la chirurgie*, 1564), que promove inovações no campo da cirurgia. Mas a grande maioria dos médicos permanece presa aos ensinamentos baseados em Aristóteles, Hipócrates e Galeno, bem como aos comentadores árabes e escolásticos.

O texto de Fernel sobre a fisiologia fornece uma amostra do tipo de medicina que foi divulgada no século XVII. Ao tentar conciliar Aristóteles e Galeno, impingindo-lhes uma conotação cristianizada, Fernel apresenta-se como uma figura emblemática de seu tempo. Sua obra mostra toda essa variedade de conteúdo e as contradições às quais ela pode levar. Além disso, é preciso considerar que o termo “fisiologia” é forjado a partir de Fernel. Fisiologia deixa de ser o estudo da natureza em geral, designado pelos gregos, e fica limitado ao estudo da natureza do homem, abrangendo a anatomia, os elementos, os temperamentos, as funções dos órgãos, a geração e as faculdades da alma. Seu livro é intitulado da seguinte forma: *Physiologia* ou *Traité de la nature humaine*. Num tratado de fisiologia que pode ser interpretado como sinônimo de tratado da natureza humana, a quinta parte, sobre as faculdades da alma e suas partes, parece ser perfeitamente justificável. Essa significação de fisiologia prevalecerá no primeiro período do século XVII e, junto com ela, a estrutura de divisão dos livros de medicina.

A tradução, aqui apresentada, toma por base o texto publicado pela Fayard. Trata-se de uma publicação da tradução francesa feita por Charles Saint-Germain, que é lançada em Paris, no ano de 1655, por Jean Guignard le Jeune, sob o título **Les sept livres de la physiologie**.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTOTE. **Les parties des animaux**. Paris: Belles Lettres, 1956. 166p.
- _____. **Parva naturalia**. Paris: Vrin, 1951. 194 p.
- FERNEL, Jean. **Les sept livres de la physiologie**. Paris: Fayard, 2001. 662 p.
- RAYNARD, Maurice. **Les médecins au temps de Molière**. Paris: Didier, 1863.
- RIOLAN, Jean (fils). **Oeuvres anatomiques**. v. I. Paris: Denys Moreau, 1629. 1.014 p.
- ROGER, Jacques. **Jean Fernel et les problèmes de la médecine de la Renaissance**. Paris: Palais de la Découverte, 1960. 25 p.
- _____. **Les sciences de la vie dans la pensée française du XVIIe siècle: la génération des animaux de Descartes à l'Encyclopédie**. 2 ed. Paris: Colin, 1971. 849 p.

NOTAS

- ¹ Cf. trabalho de K. E. Rothschuh sobre o conceito de fisiologia e os seus diferentes significados da Antiguidade ao século XIX: **Physiologie: der Wandel ihres Konzepte, Probleme und Methoden vom 16. bis 19. Jahrhundert**. Freiburg: Karl Alber, 1968. 407p.
- ² Cf. K. E. Rothschuh, Introdução à tradução alemã do tratado **L'homme**, de René Descartes, 1969.
- ³ Jean Riolan (1577-1657), professor de anatomia e botânica no Collège Royal, o mais importante anatomista francês no século XVII.
- ⁴ Aqui, toma-se por base a tradução francesa de 1665, **Les sept livres de la physiologie**.
- ⁵ Essa divisão remete a Aristóteles, apesar de Fernel se valer das palavras “simples” e “composta”, no lugar de “homeômeras” e “anomeômeras”. Na verdade, Aristóteles também utiliza esses termos - “simples” e “composto” - quando se refere ao grau de complexidade dessas partes (ARISTÓTELES, 1956-[I, 646b]).
- ⁶ **Parva Naturalia**, 469b, 6-20; **Parties des animaux**, 670a, 23-26/667b, 26-29.
- ⁷ Não se pode ignorar que, ao lado de Fernel, as inovações promovidas por Vesálio, e o avanço no campo da cirurgia graças a Ambroise Paré formam parte do legado do século XVI para o campo da medicina no século posterior.
- ⁸ **La Physiologie**, liv. III, chap. VIII; liv. V, chap. VIII.

FERNEL, Jean. **Os sete livros da fisiologia**. Livro V - Das faculdades da alma, Capítulo VII - Sobre as faculdades externas da sensação, Capítulo VIII - Sobre as faculdades internas da alma sensitiva

CAPÍTULO VII Sobre as faculdades externas da sensação

Há duas primeiras e principais espécies de faculdades animais que as plantas não possuem. Elas são dadas, somente, aos animais, daí serem nomeadas faculdades animais. Uma participa da razão e outras dela se afastam, e são dirigidas, somente, pela impetuosidade dos sentidos.

A alma sensitiva, que domina as faculdades naturais nos brutos, e que aí tem o principal comando e administração, é, certamente, simples em sua essência e semelhante a ela mesma: ela não é composta de diferentes partes, como o corpo; do contrário, ela não seria uma e de um mesmo gênero. No entanto, é por meio dela, apenas, que o animal vê, cheira, olha, saboreia, toca, manuseia, bem como se move, reconhece a diferença entre as coisas, imagina, cochila e se lembra. Essas são as funções de uma só e mesma essência. Contudo, ela não se manifesta sempre da mesma forma, mas segundo a disposição diversa dos órgãos e instrumentos do corpo para produzir as ações. Assim, ao se mostrar algumas vezes sendo outra, a ação se produz diversamente. Disso se segue que as ações vinculadas a essas funções são de tal forma distintas e estão de tal maneira divididas, que cada uma, em particular e separadamente, pode subsistir. Quando uma é movida e excitada, é preciso que, necessariamente, as outras se apresentem imediatamente, ou, quando uma delas desaparece, todas as outras, igualmente, desaparecem.

Cada parte tem, com boa razão, uma certa faculdade que lhe é própria e particular. Assim, há tantas faculdades sensitivas, que nós calculamos as diferentes funções: dividiremos, então, todas as

faculdades animais de forma que umas se constituirão como efeitos da razão e outras da sensação. No que diz respeito àquelas que são dominantes nos brutos, umas sentem as coisas externas, outras movem de um lugar a outro, e outras conhecem. Quanto às que sentem as coisas externas, há cinco: ver, cheirar, ouvir, saborear e tocar. Pela faculdade que vê, o animal não ouve, não cheira, não saboreia e não toca, e, da mesma forma, não pode ocorrer o contrário, pois há tanta diferença entre essas faculdades quanto há diversidade de órgãos ou de instrumentos e de objetos com os quais elas se ocupam.

Tudo o que sentimos é, da mesma forma que os outros corpos, composto de matéria e de forma. O instrumento ou órgão é como a matéria da sensação, e a sensação é como a forma e a espécie. A visão, que é a faculdade de ver, é como a forma no humor cristalino do olho, que, estando claro e transparente, é o primeiro órgão da visão. Ela está rodeada por humores e envolvida por túnicas ou membranas, que servem para que a visão seja melhor e mais perfeitamente acabada, pois o olho vê, simplesmente, por meio do humor cristalino, mas a visão se dá inteira e perfeitamente por meio do órgão, e sob esse sentido estão, principalmente, as cores que residem nas extremidades dos corpos. Apenas ele, sobre todos os outros sentidos, conhece as cores e as discerne em sua totalidade, e nenhum outro sentido. Por isso, definimos a faculdade visual como aquela que, estando dentro do olho, recebe as cores sem matéria por um meio iluminado.

Como vemos que cada sentido é como que separado e dissociado, primeiramente, um do outro, e que a cada um é dada sua parte e porção do espírito para exercer sua função e sua tarefa, podemos, seguindo a definição da visão, dar a definição dos outros.

O principal instrumento da audição é um certo ar muito sutil que é colocado dentro do ouvido desde o nascimento. Ele está envolvido por uma membrana e situado bem ao fundo do ouvido,

para onde convergem os nervos auditivos que nascem no cérebro. Esses nervos circundam esse ar natural e esse espírito, que é o primeiro instrumento da audição, da mesma forma como os nervos óticos circundam, no olho, o humor cristalino. Isso se dá de tal forma que há em tudo uma união e sociedade tão grande entre o espírito que penetra o nervo e o princípio interno e profundo do sentido, pois nesse ar reside a faculdade de ouvir, que verdadeiramente recebe os sons e discerne as diferenças.

O instrumento ou órgão próprio ao olfato não se situa fora do crânio. Isso é evidente e manifesto em todos os animais que respiram. Ele está situado dentro das extremidades do cérebro que convergem para a parte superior do nariz. Daí, pode-se dizer que esses cinco sentidos são chamados externos, não pelo fato de eles se produzirem e se manifestarem externamente, mas porque eles adquirem o conhecimento das coisas externas por meio de seus próprios órgãos. Naquele lugar, é colocada a faculdade do olfato, que por meio dos condutos das narinas recebe, conjuntamente com o espírito, os odores exalados pelas coisas dotadas de cheiro, que são sua matéria básica e com a qual ela se acostumou a se ocupar.

Em seguida, a faculdade gustativa ou do paladar reside, principalmente, nos nervos que nós dissemos estar espalhados na língua, no palato e na região da garganta. Essa faculdade julga e discerne os sabores por meio e com a ajuda de uma carne esponjosa, da qual a língua é feita e guarnecida.

Enfim, a faculdade do tato ou do toque não está encerrada em um órgão ou instrumento próprio e particular, pois uma vez que o sentido do tato era muito necessário para a vida do animal, ele se dispersou e se espalhou igualmente por todo o corpo, mas ele reside, principalmente, nos nervos que, tendo se tornado muito duros, se espalham por dentro e por fora. Por meio desses nervos, a faculdade sente e conhece as qualidades táteis de todos os corpos. Tais qualidades não podem ser nomeadas por um só nome, como ocorre com as cores, os sabores, os odores ou os sons: elas são diferentes

em muitas contrariedades, das quais as principais e extremas são o calor e o frio, a umidade e a secura, a flacidez e a dureza, a aspereza e a polidez, o peso e a leveza. Além disso, muitos estudiosos estabeleceram várias diferenças de toque, levando em consideração separadamente essas diferenças, como se o número e a quantidade dos sentidos pudessem ser captados pela diversidade das qualidades contrapostas. É preciso, porém, contar e enumerar as faculdades da diferença dos órgãos. Ora, só há um órgão do tato, além disso, esse sentido é diferente dos outros, uma vez que ele não sente inteiramente todos os objetos, porque todos os que ele encontra como sendo semelhantes ao seu temperamento, ele não os sente, uma vez que não é afetado por eles. Sabe-se que o sentido só pode se dar por uma certa paixão, e que os outros sentidos sentem todas as qualidades com as quais se encontram sob eles, sofrendo a paixão delas, porque elas são todas dessemelhantes.

É algo comum a todos os sentidos serem tais e semelhantes, por força, àquilo que eles devem receber e sentir, pois o objeto, estando fora, toca, move e excita o sentido. Se o sentido é afetado pela coisa que se antepõe a ele, é preciso, necessariamente, que ele tenha uma certa semelhança ou dessemelhança, a saber: no início do movimento da semelhança e sobre o fim daquele da dessemelhança. Como isso se dá, será mais amplamente explicado em seu devido lugar.¹ Além disso, é algo comum entre os sentidos que cada um reconheça tanto as coisas que lhes estão sujeitas, como suas privações, assim como seus maiores excessos, mas por um meio e por uma forma bem diferentes. Ao serem suavemente movidos, eles sentem e recebem seus objetos próprios e convenientes e suas próprias privações sem nenhuma interrupção e sem ficar exauridos e fatigados por nenhum impulso. Mas eles não podem sofrer seu excesso e abundância extrema sem ficar prejudicados e feridos. Daí que, ao serem irritados e violentos, muitos estimam não senti-los. Por isso, todos os sentidos são diferentes entre si, e suas faculdades são muito diferentes e separadas, não somente pela na-

tureza da coisa que é compreendida e sentida, mas também pelo próprio e particular instrumento ou órgão de cada um. O humor aquoso e transparente é adequado a esse uso, pois o olho contém uma grande quantidade de humor, que nasce e provém do cérebro, que é a mais úmida e a mais fria de todas as partes; na audição, o instrumento é aéreo; no olfato, o instrumento é ígneo, da mesma forma que o odor é uma certa exalação fumosa e ígnea; ao tato ou ao toque foi dado um instrumento ou um órgão inteiramente terrestre, e no paladar (à medida que é como uma espécie de toque) seu órgão é também terrestre, mas participa também de alguma umidade.

CAPÍTULO VIII

Sobre as faculdades internas da alma sensitiva

A alma sensitiva tem duas faculdades de conhecer: uma externa, que está dispersa tanto nos cinco sentidos como em suas espécies; outra, interna. A interna compreende a faculdade comum de conhecer ou o senso comum, a faculdade imaginativa e a faculdade da memória ou da rememoração. Pelo que já foi dito e ensinado sobre a diferença das partes e das faculdades, é, certamente, evidente que todas as virtudes são, com efeito, faculdades e não partes de uma mesma alma. É preciso, depois disso, mostrar como elas são diferentes e como elas procedem de uma mesma essência.

A alma sensitiva e cognitiva é totalmente colocada e posicionada dentro do corpo do cérebro, como dentro de seu castelo ou sua fortaleza e sua sede própria e particular, que é chamado como o próprio e o principal órgão do sentido. Ela foi, também, nomeada como o primeiro sentido, visto que os outros sentidos externos estão todos muito próximos dele, nos quais e em todo o corpo se estendem feixes de nervos, por meio dos quais a alma manifesta suas ações e faculdades, pois como da circunferência se traçam linhas iguais e

idênticas assim como raios no centro, nos sentidos há certas passagens e condutos abertos, pelos quais as imagens retiradas das coisas são transportadas e aí afluem como dentro de sua fortaleza e seu refúgio. Esse sentido principal é o árbitro e o avaliador dessas imagens e é também chamado de senso comum e interno.

Somente a visão pode discernir o negro do branco, e apenas a faculdade do tato o quente do frio, mas aquela que distingue o doce do branco e que julga as diferenças existentes nas coisas que estão sujeitas aos vários sentidos, é preciso que seja, necessariamente, uma certa faculdade mais excelente que as outras. Isso, porque não há nenhum sentido externo que possa julgar e distinguir o doce do branco, assim como não há um só e mesmo sentido que os perceba. Da mesma forma como se eu conhecesse uma coisa e vós uma outra separadamente, certamente essas coisas diferentes não serão, de forma nenhuma, conhecidas por nenhum de nós. Uma vez que não somente os homens, mas também os brutos conhecem a matéria sujeita a vários sentidos, é necessário que haja uma certa faculdade que seja comum e indistinta, que receba suas diferentes imagens, que julgue e distinga aquelas que são semelhantes daquelas que são dessemelhantes.

Essa faculdade interna é a que conhece e distingue e aquela que o senso comum e interno faz parecer como a primeira. Esse sentido é também a substância da alma sensitiva e o princípio que constitui todo o gênero dos animais; mesmo aqueles que estão no mais baixo nível da ordem, a saber, os insetos, são nomeados como sensitivos. Ele, como o rei e o principal de todos, tem sua sede firme e estável, e seu domicílio certo, no corpo do cérebro, do qual, como de um lugar elevado, considera as imagens de todas as coisas que lhe são propostas e que lhe são levadas de fora pelos sentidos, seus ministros, seus enviados ou seus mensageiros. Ele constata e observa todas as ações dos sentidos, e é por esse sentido que nós reconhecemos que pelo olho nós vemos e pelo ouvido nós escutamos. Ele cria ou reconhece as diferenças das imagens e julga sobre

elas. Assim, reconhecemos que esse senso comum e interno é, de certa maneira, único e semelhante aos cinco sentidos externos, que são derivados dele como de sua fonte. Além disso, reconhecemos que essa primeira faculdade do sentido se propaga do cérebro para dentro dos instrumentos dos sentidos, e que ela se serve de sua ajuda e de sua assistência. Se essas coisas se dão diversamente e se acomodam de várias maneiras aos usos de um só e único operador, isso ocorre para que sejam estabelecidos cinco tipos de faculdades dos cinco sentidos externos, mas haverá uma só e única substância com o sentido principal. Assim, a única faculdade do principal sentido é aquela que discerne, que conhece e que julga sobre a diferença das coisas externas.

Há uma outra faculdade que é a faculdade de conservação que recebe, retém e conserva as impressões e as imagens dos sentidos, pois quando o sentido externo se volta para a matéria que lhe está sujeita ou para seu objeto, ao mesmo tempo para aí se volta, também, a faculdade interna e principal do sentimento que recebe e que sente conjuntamente a coisa. Os sentidos, sendo movidos pelos objetos externos, recebem a imagens e as espécies² provenientes deles, que, em seguida, movem a faculdade interna do sentimento, que retém e conserva em si as espécies e as imagens das coisas enviadas pelos sentidos. As espécies e as imagens dessas coisas, que pertencem ao passado ou foram suprimidas, subsistem por mais um tempo e tornam-se como que gravadas e entalhadas. Isso pode ser observado pelo fato desse sentido conhecer e sentir ainda as coisas retiradas e subtraídas, da mesma forma como aquele para o qual nós lhe demos atenção. Essas espécies e imagens das coisas gravadas e impressas no cérebro são objeto da faculdade imaginativa, da mesma forma como as coisas externas dos sentidos, pois as coisas externas movem os sentidos, e essas qualidades ou imagens internas movem essa faculdade.

Além dessas duas faculdades, há uma outra que é chamada fantasia, que é a terceira faculdade ou o terceiro sentido interno

que percebe e recebe as imagens representadas. Assim como há três coisas a serem consideradas na sensação - as coisas representadas ou o objeto, a faculdade sensitiva e a ação que se dá por seu concurso - essa faculdade imaginativa também consiste em três coisas: no objeto, na faculdade imaginativa e na própria ação pela qual a faculdade se ocupa e se detém sobre o objeto, que é propriamente chamada de fantasia ou imaginação. Trata-se de um movimento da faculdade voltado para as imagens e as formas das coisas, das quais, confusas e todas juntas misturadas, ela forma e compõe, muitas vezes, vários fantasmas e quimeras, que não estão no domínio do sensível, tais como, os homens que voam no ar, bois que têm asas. Nisso ela difere da faculdade precedente. O que faz com que ela, dirigindo-se a várias coisas que não são de forma alguma reconhecidas pelos sentidos, imite, de certa maneira, a faculdade do raciocínio, chamada de inteligência por Aristóteles, segundo uma larga e ampla denominação. Isso porque algumas vezes, as espécies e as imagens das coisas estão levemente gravadas e impressas no cérebro, esvaindo-se e desaparecendo imediatamente, ou, estando mais profundamente situadas, como que escondidas no cérebro, como se fosse um lugar de reserva ou de tesouros, elas persistem e subsistem por longo tempo como as paixões e os hábitos. Essa conservação das imagens, a respeito da qual já falei anteriormente, é a memória que se encontra fraca e débil nos recém-nascidos e nos velhos. Nestes últimos, à medida que eles não podem reter e guardar as imagens e as espécies das coisas; nos primeiros, porque eles não as podem admitir e receber. Essa faculdade é confirmada e sustentada pela meditação ou pela longa reflexão e consideração, que é uma freqüente repetição e retorno das imagens, enquanto que as imagens são emanadas de outras.

Há um outro tipo de memória, a saber, quando se olha e se considera a afecção e a semelhança de uma outra coisa com o conhecimento do tempo passado, no qual ocorreu a impressão dela, pois, no momento, só se diz que se relembra. Essa ação de olhar e

de refletir é a memória, mas, como eu disse, de um outro tipo e de outra maneira, isto é, enquanto aquela conserva a imagem e esta representa a coisa pela apreensão da imagem e da espécie, a primeira é uma espécie de afecção e paixão, e a segunda, uma ação. Melhor dizendo, aquela memória é passiva e sofre a ação, e esta outra é agente, de onde se pode reconhecer que entre os brutos há a memória, o sentimento e o conhecimento do tempo, e, considerando sua imagem, eles podem sentir que conheceram, outrora, as próprias coisas. Além disso, é uma mesma parte da alma que conhece o tempo e que se lembra: a alma sensitiva. No entanto, ela não sente, propriamente e por si, o tempo, mas, enquanto conhece o movimento e a afecção que ela recebeu em algum tempo. Pode-se, portanto, defini-la dessa forma: a memória é representação da coisa ausente pelo olhar ou consideração de sua imagem com o conhecimento do tempo passado. À medida que essa faculdade é movida e excitada pela imagem, a memória se efetiva, enquanto é imagem e um modelo dessa imagem.

Para enumerar e contar, de maneira absoluta, todas as faculdades e funções internas da alma sensitiva, as imagens das coisas externas apreendidas pelos sentidos passam pelo sentido primeiro e interno. Por meio deles, o primeiro sentido conhece, distingue e julga as coisas externas, e por essa função de discernir e de distinguir essa faculdade se produz e se manifesta. Se a impressão das imagens se dá de forma mais profunda, então é a memória conservadora, da qual se pode reconhecer que ela participa da constituição do cérebro e quão grande é essa participação. Se, ao se deter sobre as imagens e as espécies das coisas, o senso comum as olha e as considera separadamente e de forma que ele não note nenhuma outra coisa externa, diz-se, então, que ele finge. Essa ação do sentido é a fantasia ou imaginação, que é expressa pela própria faculdade da fantasia e da recordação. Porém, se ele as considera, não nelas mesmas, mas como imagens e espécies das coisas externas, então se diz que ele se recorda, e esse ato é a memória, acabada e

realizada por sua própria faculdade da recordação.

Todas essas faculdades estão no primeiro sentido. A fantasia ou imaginação não é um efeito de uma outra parte da alma ou do cérebro, e a memória de uma outra parte: elas estão em um mesmo sujeito e são funções de uma mesma parte da alma. Daí se reconhece que aqueles que se afastaram da antiga e célebre Filosofia colocaram essa faculdade da fantasia na parte anterior do cérebro, e a memória na parte posterior. Ora, todas as duas estão no cérebro, de onde é propagada a principal faculdade da alma sensitiva. Mais adiante falaremos um pouco mais amplamente a respeito dessas coisas.³

Parece-nos não terem sido suficientemente enumeradas e contabilizadas todas as faculdades da alma sensitiva e que há outras, além das já mencionadas, por meio das quais nós dormimos e nos sobrevêm os sonhos ao dormir? Constantemente se atribuem aos animais o sono e os sonhos, como suas próprias funções e ações. Entretanto, para fazê-los, não se lhes atribui nenhuma outra faculdade, pois o sono e as vigílias são muito diferentes entre si e, verdadeiramente, opostos: as vigílias são um ato e o sono é como sua privação. Apesar disso, eles são recebidos e subsistem em um mesmo sujeito. Eles procedem de uma mesma faculdade, e qualquer um que tenha sensibilidade, tem também a vigília e o sono, pois a vigília é a excitação e movimento da sensibilidade, e o sono é como sua correia, sua prisão e sua imutabilidade. Mas eles não são o efeito de um só e particular sentido, mas sim do primeiro sentido ou senso comum, o qual, estando adormecido, é preciso que os outros sentidos permaneçam, também, adormecidos e que eles sejam como seus ministros e satélites obedientes as suas afecções. Por isso, desde o primeiro momento em que o primeiro órgão ou instrumento do sentido, isto é, o cérebro, é formado e torna-se fraco, não podendo se conter por cansaço ou por longas vigílias, todas as outras faculdades ficam, conjuntamente, cansadas e fatigadas. Daí, é preciso que, necessariamente, o sono venha, durante o qual os sentidos ficam como se estivessem de férias ou de folga, tanto mais que

suas faculdades não podem durar e subsistir pelo trabalho. Por isso, ele é necessário a todos os animais e lhes foi dado para sua saúde, sua recuperação e seu repouso.

Os sonhos são de natureza semelhante, pois o sonho é essa visão e essa imagem, proveniente dos sentidos e por eles enviada, que é objetivada e representada aos animais durante o sono. Ele deve ser realizado pela mesma parte da alma e pelo mesmo instrumento do sono. Pela mesma parte pela qual o animal dorme, ele sonha: ora, ele dorme e cochila por meio do primeiro sentido ou do senso comum, portanto ele sonhará por meio dele, não enquanto ele é sensitivo, mas enquanto ele forja e forma pela fantasia ou imaginação, e é movido e provocado pelas imagens variáveis e errantes. A faculdade da fantasia é movida e provocada pelo movimento e pelo impulso das imagens representadas, principalmente durante a noite. Ao dormir, período em que os sentidos estão enfraquecidos e como que de férias de suas ações e funções, os menores e mais insignificantes vestígios das espécies e das imagens vêm e acorrem em abundância por meio da faculdade imaginativa ou da fantasia, os quais, durante a vigília, com os sentidos detidos por diferentes ocupações e o espírito sobrecarregado com vivos pensamentos, são ofuscados e suprimidos.

NOTAS

- ¹ Capítulo X: Qual lugar e qual sede cada faculdade da alma sensitiva possui, qual instrumento para agir e que todas as faculdades não estão em todas as espécies de animal.
- ² Espécie entendida como uma entidade emanada dos objetos que, ao penetrar em nosso corpo por meio dos órgãos dos sentidos, produz as percepções sensíveis. Teoria comum aos escolásticos (Cf. AQUINO, Tomás de, **Summa theologiae**, Ia, q. 17, a.2, resp.).
- ³ Capítulo X: Qual lugar e qual sede cada faculdade da alma sensitiva possui, qual instrumento para agir e que todas as faculdades não estão em todas as espécies de animal.